

COM A PALAVRA



Jairo Nicolau

Esquerda 'radical' está reduzida.

Ele foi um dos nomes importantes que estiveram em Santa Maria, no dia 23 de novembro, para participar do I Colóquio sobre comportamento e instituições políticas, promovido pela SEDUFSM, Núcleo de Estudos Legislativos da UFSM e departamento de Ciências Sociais. Uma das vozes dissonantes quanto à cláusula de barreira, que ele chama de "cláusula de 5%", Jairo Nicolau, cientista político do IUPERJ (Rio de Janeiro), é bastante pessimista quanto a determinadas medidas que podem estar contidas numa proposta de reforma política, como é o caso do financiamento público de campanha. Ele diz que país nenhum do mundo tem apenas o financiamento público, por isso, acredita que deveria haver uma transição no caso de ser implementada essa mudança. Nicolau, que tem 42 anos, é casado e possui três filhos, além de ser tricolor (torcedor do Fluminense) também se mostra um crítico das esquerdas. Segundo ele, o espaço para os defensores do monopólio estatal, da disputa da luta de classes, está cada vez mais reduzido no mundo. Por esse ponto de vista ele analisa que o PT deixou de ser um partido de esquerda. Acompanhe a seguir algumas das opiniões de Jairo Nicolau na sua entrevista ao Jornal da SEDUFSM quando esteve em Santa Maria:

"Lula ganhou. A oposição perdeu"

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta - Quais benefícios, na sua avaliação, que a reforma política pode trazer para o país?

Resposta - Você tem que pensar com calma, porque a noção de reforma política é muito vaga. Você está me perguntando sobre a reforma, mas provavelmente não é a mesma coisa do que eu penso que seja reforma. Quando a gente não sabe muito bem do que está falando é difícil de saber quais malefícios ou benefícios uma reforma pode produzir. Do ponto de vista dos desafios que o Brasil está vivendo, eu acho que uma reforma política, em alguns tópicos, seria uma boa. Por exemplo, nós temos um sistema financeiro de campanha que não pode continuar do jeito que está. É falho, o caixa dois hoje está banalizado, virou rotina, a cor-

rupção eleitoral ainda é uma constante.

P - O senhor defende o financiamento público ou privado para as campanhas eleitorais?

R - O financiamento público é daquelas idéias muito boas, mas que são difíceis de serem executadas. Tendo em vista o fato de nenhum outro país do mundo ter um financiamento exclusivamente público. Por isso, a gente pode experimentar, mas eu acho que sair de um sistema como o nosso, com o futuro grande que ele tem, com um sistema exclusivamente público, da noite para o dia, sem uma transição, é algo muito arriscado. Nós temos que melhorar a fiscalização e criar punições para os faltosos. Talvez começar a experimentar, primeiro para a eleição presidencial, depois para a de governador. Fazer um processo lento de passagem, do sistema atual para um sistema que dependeria mais dos recursos